

Reflexões e perspectivas das relações entre capital e Educação¹

Entrevista concedida por István Mészáros² a Maria Isabel Batista Serrão e Patricia Laura Torriglia em 21 de novembro de 2007. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil.

Palavras-chave: Mészáros, István; entrevistas; desenvolvimento humano; capital; Educação; produção de conhecimento; escola; MST.

Revista *Perspectiva*: *Como você vê o processo do desenvolvimento humano?*

István Mészáros: Considerando esse aspecto, precisamos ter em mente uma importante distinção entre *potencialidade* e *realidade*. Essa distinção deve ser feita, porque seres humanos são *capazes de desenvolvimento contínuo*, a menos que as circunstâncias os forcem a uma forma rígida, de tal modo a mantê-los a serviço de interesses poderosos escusos. É por isso que citei o grande pensador do século 16 Paracelsus – um dos modelos de *Fausto* de Goethe –, que insistiu que “Aprendizagem é nossa própria vida, desde a juventude até a idade adulta, até a beira da morte; ninguém vive por dez horas sem aprender”.

Infelizmente, os interesses sociais dominantes em nossa sociedade, que impõem a necessidade de perpetuar a ordem reprodutiva do capital, *tendem a conter*, e mesmo a anular, a potencialidade do desenvolvimento humano dos indivíduos. Pois o imperativo estruturalmente imposto da expansão do capital lucrativo – sem a qual a ordem produtiva não consegue sobreviver – deve prevalecer sobre tudo. Mesmo que isso signifique tentar subordinar todas as aspirações humanas àquele imperativo. E isso é feito com todos os meios que a ordem dominante tem à disposição, desde os limites econômicos até a manipulação ideológica e cultural, completamente em sintonia com a *realidade alienante* da ordem econômica e social estabelecida.

Contudo, deve também ser enfatizado que a potencialidade das aspirações humanas não pode ser completamente extinta pelas necessidades alienantes da expansão do capital. Esse tipo de dominação total é possível somente no

mundo de pesadelo do romance *1984* de Orwell. Tal mundo não é nada além de uma completa ficção. Nenhuma sociedade consegue jamais funcionar de forma sustentável dessa maneira. Nem mesmo a mais autoritária, como a experiência nos ensina. Mesmo a plausibilidade ficcional do mundo de pesadelo do Orwell pode ser criada somente descrevendo os sofredores como indivíduos isolados. Na realidade, contudo, estamos lidando com forças sociais e confrontos realmente existentes. Da mesma forma, existem à disposição dos indivíduos socialmente afetados e socialmente marginalizados algumas possibilidades de intervir no processo de tentativa de dominação, confrontando de alguma forma o impacto desumanizador dos interesses escusos prevalentes. Com certeza, como indivíduos isolados, eles não conseguiriam fazer isso. É exatamente onde os educadores podem contribuir significativamente no sentido de uma alternativa positiva, ao possibilitar focar na dimensão social irreprimível dos desenvolvimentos contínuos. Particularmente em uma época em que as evidências de uma *crise sistêmica* de nossa ordem social não podem mais ser escondidas de nossas vistas.

Revista *Perspectiva*: *O que você diria sobre a produção de conhecimento nesta sociedade capitalista?*

István Mészáros: Em sua tendência primária, a produção e a *asserção* do conhecimento em nossa sociedade são, compreensivelmente, orientadas para o – poder-se-ia até mesmo dizer: presa ao – serviço de interesses políticos e materiais profundamente arraigados. E isso não é simplesmente uma questão de produzir e difundir o conhecimento prático adequado para a acumulação de capital lucrativamente maior em uma base contínua, como uma regra ignorando suas consequências negativas para a validade do desenvolvimento socioeconômico de longo prazo. Como sabemos, nessa questão até mesmo a exaustão dos recursos obviamente finitos de nosso planeta pode ser (e *continua* a ser) desconsiderada de forma irresponsável pela produção orientada ao lucro e a manipulação do conhecimento predominante, incluindo as implicações mais perigosas das práticas produtivas atuais, mesmo para a destruição da natureza: o substrato vital da própria existência humana. É suficiente lembrar, nesse contexto, como recomendações para uma melhoria, mesmo que *pequena*, como os protocolos de Kyoto, são colocadas de lado – em nome de uma alternativa falsamente alegada “científica” – pelo poder econômico mais poderoso e, *de longe, aquele que mais desperdiça*, os EUA.

Para nós, é igualmente importante focar atenção na questão de como a produção do conhecimento predominante, promovida de forma impositiva pelos mesmos interesses escusos, tenta transmitir para o jovem e, portanto, a perpetuar o *sistema de valor* indefensável de nossa sociedade perigosamente orientada para o lucro, e fazer isso sem ao menos estar envergonhada de expressar explicitamente que não pode haver *nenhuma alternativa* a ele. Todavia, o fato deplorável é que *quatro quintos* da população mundial continua a viver sob condições mais precárias, apesar de todas as promessas no passado no que diz respeito à habilidade do sistema do capital para produzir melhorias radicais em seu bem-estar material e cultural, que acabou não levando a nada. Foi prometido, outrora, que o bolo da sociedade cresceria cada vez mais, de tal forma que, no tempo devido, todos pudessem receber uma fatia abundantemente grande dele. Em seu lugar, o sistema prevalecente das desigualdades estruturalmente impostas está ficando cada vez pior. Isso tanto é verdade que, de fato, as condições degradantes da desigualdade não podem mais ser negadas, mesmo nas estatísticas oficiais. Pode haver, *e deve haver*, uma alternativa à forma estabelecida de ordenar a sociedade baseada no interesse da *produção cada vez mais destrutiva*, enquanto promete – mesmo em vão – uma produção universalmente benéfica. Pois nos conformarmos com o credo amplamente prometido de que “não há nenhuma alternativa” significaria aceitar um futuro muito negro para a humanidade. Obviamente, não podemos fazer isso.

Felizmente, a produção de conhecimento não pode ser monopolizada em função do interesse da minoria dominante de forma permanente, não importando que a sorte esteja intensamente a seu favor no momento. As contradições de nossa ordem social antagônica trazem à tona também as forças sociais que são capazes de reagir, no campo do conhecimento crítico, exigido também com o antídoto necessário à sabedoria apologética prevalente. Mas, para se tornar efetivo, o conhecimento crítico genuíno precisa de sua dimensão organizacional própria, dadas a magnitude da tarefa e a relação das forças sobre as quais não podemos nutrir ilusões. Pois não é simplesmente uma questão de como produzir conhecimento, mas também como expressá-lo de forma positiva. Pode não haver nenhuma melhoria em relação às questões com as quais nos preocupamos, na escala exigida – uma melhoria, ademais, que precisaríamos muito de *forma duradoura* – sem questionar de forma radical o *sistema de valores inteiro* de nossa sociedade.

Revista *Perspectiva*: Como você vê as ações dos professores de escola pública quando buscam as condições para lutar contra a hegemonia capitalista?

István Mészáros: Considero isso muito importante. De fato, parece desnecessário dizer que a defesa da educação pública não poderia ser mais importante. Pois ela é o espaço onde a pressão para tornar universalmente dominante o *ethos* de não se questionar a subserviência às necessidades da “iniciativa privada” pode encontrar resistência.

Nada seria mais adequado às exigências do total conformismo ao horizonte geral do sistema capitalista do que a *internalização* consensual feita pelos indivíduos que podem não ter nenhuma alternativa à *sociedade de commodity*. Isto é, uma internalização que acaba levando à aceitação do *ethos* alienante por eles desde bem cedo na vida, de acordo com o qual tudo deve ser pago mediante meios privados (se você puder sustentá-los e se você não puder: dane-se); e tudo deve ser convertido em produtos vendáveis, incluindo seu próprio desenvolvimento cultural e humano. Pois, através de tal internalização institucionalizada das exigências reprodutivas do sistema estabelecido, ao qual eles estariam também firmemente presos pelas amarras de seus pais, primeiramente – com a perspectiva de se tornarem pais receptivamente conformados como seus próprios pais, posteriormente –, nem mesmo a sombra da crítica poderia atrapalhar o funcionamento normal da *sociedade de commodity*. No mesmo espírito, a “privatização” generosamente prometida do sistema escolar serviria ao propósito de produzir uma conformidade não questionadora do *ethos* capitalista. A dificuldade em relação a essa forma é que ela não pode ser implementada na prática em *escala geral*. Por uma razão, seria muito caro fazer isso, e, portanto, pode ser feito somente de forma seletiva. Ao mesmo tempo, por outro lado, ela também entraria em conflito com as determinações socialmente discriminatórias do sistema capitalista, através do qual a hierarquia estruturalmente arraigada deve ser facilitada e assegurada também pelos privilégios educacionais exclusivos à elite pelos quais os prósperos pais estão muito dispostos a pagar. (Na Inglaterra, por exemplo, o valor anual para o privilégio de estudar nas principais escolas, com a rede social mais promissória e as melhores perspectivas para o futuro financeiro dos alunos, pode chegar a não menos do que 40.000 dólares por criança.) Naturalmente, em diferentes países encontramos bastante variação nesse aspecto, de acordo com as circunstâncias locais e a forma pelas quais as instituições culturais/educacionais do sistema são articuladas, e também em

sintonia com os recursos financeiros disponíveis para o propósito, dadas as enormes diferenças de riqueza entre os vários países na ordem mundial do capital. Mesmo assim, a *fase neoliberal* do capitalismo usa todos os meios à disposição para o propósito de reafirmar sua hegemonia. Isso deve ser feito, precisamente, porque a crise atual do sistema não é uma crise tradicional *cíclica*, mas uma *crise estrutural profunda*. É, assim, mais importante defender o domínio da educação pública e também resistir, desta forma, à pressão para a internalização das práticas exploradoras promovidas de forma entusiasmada pelos defensores da ordem estabelecida.

Revista *Perspectiva*: *Como podem os professores universitários contribuir para o processo de ir para além do capital?*

István Mészáros: Os professores universitários têm uma importante tarefa no sentido de desenvolver a consciência sobre o que está agora em risco em nosso período histórico de crise sem precedente. Eles podem fazer isso se assumirem seu papel de *intelectuais críticos*, no sentido mais amplo do termo. Infelizmente, os termos “crítico” e “teoria crítica” não são somente frequentemente mal usados, mas utilizados de uma forma bastante enviesada, seu uso é também “abusado” para propósitos apologeticos. Isso é feito quando se fala sobre a necessidade de engajamento crítico com as questões da atualidade, mas com a fala envolta em várias camadas de jargão acadêmico a tal ponto que, como resultado, até mesmo as próprias questões tornam-se irreconhecíveis e totalmente inadequadas para o objetivo de implementar qualquer mudança. Ao invés de intervir da forma exigida, a aparência de uma “crítica” academicamente respeitável – que afirma ver pelo menos três lados de uma moeda em particular – isenta as pessoas envolvidas de qualquer oposição real de substância às questões debatidas. Assim, ao invés de crítica efetiva, temos uma curiosa forma de *acomodação* aos interesses subjacentes escusos. Tal “crítica” é, de certo, uma parte integral da ideologia dominante e é generosamente promovida nesse sentido. Na Inglaterra, ela é caracterizada com ironia apropriada do tipo “a oposição legítima de sua Majestade”, destinada a nunca efetuar qualquer mudança.

Professores universitários podem fazer muito melhor do que isso. Eles deveriam não ter receio de acusações – tendenciosamente feitas contra eles pelos defensores da ordem estabelecida – pois, ao insistir na *relevância prática* das questões que eles levantam, eles são promotores de uma

ideologia, enquanto a própria ideologia dominante firmemente arraigada se situa “acima da ideologia”. Essas são manobras bem estabelecidas do *status quo*, feitas para desarmar os adversários potenciais não por argumentos, mas por meio de uma desqualificação falaciosa e prevista. O que deve ser claramente e fortemente expresso pelos professores universitários genuinamente críticos é (1) que não é possível produzir mudança *juntando aqui e acolá* a ordem cultural e social dada, como já demonstrado de forma conclusiva pelo completo fracasso do passado reformista, já que a *crise estrutural* profunda de nosso tempo exige uma *transformação abrangente sem paralelos*; e (2) que as próprias questões tornem a intervenção prática defendida, em um sentido *substantivo* e não somente convenientemente *formal*, extremamente *urgente*. Pois em nosso tempo não estamos somente testemunhando o mais irresponsável ataque à natureza feito pela ordem metabólica social indefensável do capital, mas também o surgimento e busca de guerras genocidas como tentativa absurda de superar a crise estrutural do sistema.

Revista *Perspectiva*: *E os educadores comprometidos com os movimentos sociais? Que papel eles têm nessa perspectiva?*

István Mészáros: O compromisso dos educadores com os movimentos sociais e seu dedicado trabalho em ajudar a aumentar a influência desses movimentos em nossa sociedade podem ter um papel importante positivo hoje. Já que estamos sujeitos à crise estrutural do modo do capital de reprodução metabólica em geral, as instituições tradicionais que tomam as decisões políticas, como regra, fracassam em atender a esse desafio. Ao contrário, eles tendem à inércia das determinações quase automáticas do sistema, completamente em sintonia com os interesses escusos dominantes, independentemente do quão desastrosas as consequências possam ser. Movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), oferecem a perspectiva de alternativa positiva possível nesse aspecto no domínio da atividade. De fato, o Brasil tem a sorte de ter um movimento social formidável como o MST, que desempenha um papel pioneiro não somente no próprio Brasil, mas ao afirmar, de maneira exemplar, os interesses vitais de seus membros – agora, por quase um quarto de século – também no mundo todo.

A renovação bastante necessária de todo o sistema de tomada de decisão política em nossas sociedades é impensável/inconcebível sem o papel

substancialmente radicalizante de tais movimentos sociais. O anacronismo histórico do sistema parlamentar tradicional, inventado pela burguesia para seu próprio propósito de dominação muito antes de a classe trabalhadora ter aparecido como um agente alternativo hegemônico potencial no estágio histórico, está se tornando mais evidente com o passar do tempo, quando mesmo a esperança outrora associada aos partidos dos trabalhadores com apelo à massa eleitoral – não somente no Brasil, mas em todo o mundo – fica bastante comprometida.

É, portanto, muito importante colaborar com as pessoas que têm um papel militante em movimentos sociais como o MST, para fortalecer sua posição e estender a influência de sua atividade na sociedade como um todo. Há também tarefas educacionais vitais que devem ser diretamente feitas nesse sentido, de tal forma a estabilizar e reforçar as comunidades do MST específicas e fazer de seu funcionamento normal – incluindo o desenvolvimento intelectual e humano das gerações mais jovens – um funcionamento sustentável e positivamente satisfatório. Neste sentido, educadores que se comprometem a trabalhar com grande dedicação em tais movimentos são realmente parte de uma iniciativa que certamente contribui, em tempo devido, para uma mudança histórica significativa.

Revista *Perspectiva*: Lukács trouxe luz para a ontologia do ser social e tem tido forte influência na produção científica e ação política em muitos países por mais de cinco décadas. Quais seriam suas contribuições para a atualidade?

István Mészáros: Após um longo período, um dos grandes trabalhos de síntese de Lukács – *A ontologia do ser social* – será publicado no Brasil. E eu espero que outro de seus trabalhos fundamentais de síntese, sobre *Estética*, seja também publicado em um futuro não tão distante. Ambos os trabalhos são bastante longos e demandam também um considerável investimento financeiro por parte da editora. Mas eles têm um valor realmente durador, e muitas pessoas certamente vão estudá-los nos próximos anos.

Além dessas contribuições mais acadêmicas de Lukács que orientam as futuras gerações de estudantes, eu também enfatizaria outro aspecto de seu trabalho, a saber, sua constante insistência na grande *responsabilidade social dos intelectuais*. Isso foi muito bem compreensível por conta das vicissitudes da história do século 20, na qual a violência nazifascista sobre os valores humanos marcou uma fase mais perigosa de desenvolvimento. Como

sabemos, em nosso tempo os perigos se intensificaram quase para além do que se podia acreditar. Pois, hoje, nada menos do que a extinção potencial da humanidade está em jogo. Assim, o pedido enfático pela responsabilidade dos intelectuais – agora, em defesa da própria humanidade sobrevivente – tem maior relevância atualmente do que jamais teve na história.

Notas

- 1 Tradução do texto original em inglês realizada por Celso Henrique Soufen Tumolo.
- 2 István Mészáros: filósofo húngaro, um dos principais pensadores marxistas da atualidade, que há décadas vem oferecendo importantes elementos para se compreender a realidade e buscar formas de organização de luta contra as nefastas consequências do metabolismo do capital, autor de inúmeros artigos e livros, entre eles: *O poder da ideologia e Filosofia, ideologia e Ciência Social*, publicados pela Editora Ensaio; *Para além do capital, A Educação para além do capital, A teoria da alienação em Marx, O século XXI – socialismo ou barbárie, O desafio e fardo do tempo histórico*, publicados pela Boitempo Editorial.

Maria Isabel Batista Serrão

E-mail: belserrao@yahoo.com.br

Patricia Laura Torriglia

E-mail: patrilaura@terra.com.br